

Em Tempos do
Ives Gandra da Silva Martins
Senhor

Poemas



EM TEMPOS DO SENHOR

Ives Gandra da Silva Martins

(O Livro de Ruth, Meu Rosário, Quartetos de Ladainha, Via-Sacra)

POEMAS

EDITORA SANTUÁRIO
Aparecida-SP

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
PREFÁCIO	6
MISTÉRIOS GOZOSOS.....	10
ANUNCIAÇÃO.....	11
VISITAÇÃO.....	12
NASCIMENTO.....	13
APRESENTAÇÃO NO TEMPLO	14
JESUS ENCONTRADO NO TEMPLO	15
MISTÉRIOS LUMINOSOS.....	16
O BATISMO DO SENHOR.....	17
AS BODAS DE CANÁ	18
A PREPARAÇÃO DO REINO DE DEUS.....	19
TRANSFIGURAÇÃO	20
EUCARISTIA	21
MISTÉRIOS DOLOROSOS	22
AGONIA DO SENHOR.....	23
FLAGELAÇÃO	24
COROAÇÃO DE ESPINHOS.....	25
MARCHA PARA O CALVÁRIO.....	26
CRUCIFICAÇÃO.....	27
MISTÉRIOS GLORIOSOS.....	28
RESSURREIÇÃO.....	29
ASCENSÃO	30

VINDA DO ESPÍRITO SANTO	31
ASSUNÇÃO.....	32
COROACÃO.....	33
Via-Sacra.....	34
I - JESUS É CONDENADO À MORTE.....	35
II -JESUS CARREGA A CRUZ	36
III - JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ.....	37
IV - JESUS ENCONTRA MARIA, SUA MÃE SANTÍSSIMA	38
V- SIMÃO AJUDA JESUS A CARREGARA CRUZ.....	39
VI - UMA PIEDOSA MULHER ENXUGA O ROSTO DE JESUS .	40
VII - JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ	41
VIII - JESUS CONSOLA AS FILHAS DE JERUSALÉM	42
IX - JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ.....	43
X - JESUS É DESPOJADO DE SUAS VESTES.....	44
XI - JESUS É PREGADO NA CRUZ.....	45
XII - JESUS MORRE NA CRUZ.....	46
XIII - JESUS É DESPREGADO DA CRUZ E ENTREGUE A SUA MÃE.....	47
XIV - O CORPO DE JESUS É SEPULTADO.....	48

APRESENTAÇÃO

Pela Saraiva Editora e pela Green Forrest, editei a 1ª e a 2ª edições do Livro de Ruth, versão do texto bíblico em versos alexandrinos.

Pela CEJUP, Ave Maria, Pax et Spes, Green Forrest e Imago editei o “Quartetos de Ladainha”, havendo, pois, hoje, 5 edições do texto.

O “Meu Rosário”, editei-o pela Pax et Spes, assim como os “Mistérios Luminosos”, inserto no livro “Pretérito Presente”, o mesmo ocorrendo com o “Via Sacra”. Os três em primeira edição.

Decidi, agora, já que as edições se esgotaram reeditar em conjunto os quatro poemas, pela Editora “Santuário”, mantendo, para “O Livro de Ruth”, o prefácio do acadêmico Oscar Dias Corrêa, escrito não só para esse livro, mas para um dos poemas que o compõem: “O menino e a descoberta”.

Desta forma, o livro que leva o nome daquela ancestral de Davi, de cuja linha sairia a família do Senhor, os poemas dedicados à Mãe de Deus e aqueles dedicados ao momento da redenção do mundo, que é a morte no Calvário, compõem este livro, a que decidi dar o título “Em tempos do Senhor”.

Que siga a nova edição, o caminho das pretéritas.

PREFÁCIO

Há cinco anos, prefaciando outro livro de Ives Gandra Martins — *Advocacia Empresarial* —, referia-me à “capacidade ímpar com que ele se entrega, a um só tempo, a tantos misteres, e com que os executa. Na cátedra, na advocacia, em livros, pareceres, artigos, seminários, debates, e inacreditável presença epistolar, cumpre atividades que ocupariam grupos inteiros de especialistas de várias especialidades.

E de todas cuida como se uma única, exclusiva, cada uma a seu tempo...”.

Lembrava, então, a definição do “economista completo”, de G.L.S. Schakle, professor da Universidade de Liverpool, que, praticamente, requeria um sábio, quando menos...

Pois bem: isso não era nada diante do que vim a confirmar depois: que Ives, com aptidões artísticas inatas e cultivadas, era exímio pianista, além de prosador de fôlego, poeta inspirado, fora o que, provavelmente, ainda não descobri!

Veio-me, então, à idéia o dito clássico que resume a vocação para o conhecimento de *omnium rerum magnarum atque artium scientiam* — todas as grandes coisas, e as artes e as ciências.

Foi assim que passei a compreendê-lo, e é o que penso agora lendo-lhe os versos para Ruth.

Encanta, edifica, que tenha tido a ventura de escrevê-los, buscando, no livro sagrado, a inspiração da homenagem, a que o verso dá vida esplêndida e sonora; como surpreende que, vencendo os preconceitos atuais, os publique, e apregoe, para que o mundo compartilhe seu amor à amada!

Não é Beatriz, nem Laura, sublimadas por Dante e Petrarca, mas é a divina lição de vida, contada (talvez) por Samuel, que, vencendo séculos e cataclismas, chega até nós; e a que Ives dá a versão dos olhos do amor encarnado; amor que se eterniza no coração e canta nos versos, para que o “tempo pretérito, como ele diz, se faça sempre o tempo presente, graças à poesia da vida, que o poema do sonho nunca consegue alcançar”, intemporal; vivo, eterno. Tenho pelos poetas um respeito hierático: ainda quando os não entendo, admirando a forma, extasiando-me em como compõem a frase e lhe dão música, ritmo,

som, cor, vida, não sei senão admirá-los, a única atitude que compatibiliza o contraste de quem sente e não sabe. De mim, versos fiz, versos faço, versos farei, ainda, por certo: há momentos em que, estranhamente, por mais que a prosa nos venha límpida e precisa, e pareça a linguagem natural, sentimos o ímpeto irreprimível de dar-lhe a forma do verso, o tom do verso, o ritmo do verso e, até mesmo, a rima do verso, para que melhor se case ao sentimento que vivemos e pretendemos exprimir.

Ives faz isso naturalmente, ainda quando parece que torce a frase e lhe transmuda os vocábulos, como se nota no *Livro de Ruth*, talvez mesmo para lhe guardar o vetusto sabor de outros tempos, bons tempos em que Deus se entendia diretamente com os homens, e falava com os fiéis, cobrando-lhes a fé e premiando-lhes a virtude.

Já em *O Menino e a Descoberta* a viagem da descoberta coincide com a vida, e o símbolo enche a poesia de mistério, que esconde e sonda:

“Quanto símbolo não diz o poema”.

Como
“A árvore dos séculos,
No instante em que viu a eternidade,
Transformou-se em momento,
Apenasmente”.

No mistério, que vive com o poeta:

“Jardineiro do tempo, que se perde,
No silêncio da tumba, que se encontra”.
É, então, a busca da descoberta, até que.

“Depois...
A vontade de corpos mais que de olhos.
Depois...
A vontade dos corpos e dos olhos.
Depois...
A vontade dos olhos e dos corpos”...

E tinha de acontecer,
que assim se pôs para os homens:
“... aconteceu, um dia,

Que o menino,
Na menina,
O reino desvendou.
Príncipe e princesa
A verdade da história
Descobriram”.

Para o coroamento:
“Com o tempo,
Na lagoa da vida
Seis pontes
Construíram dos tempos do presente
Aos tempos do futuro”.

Tem o poeta seus símbolos e seus mistérios, que não se dizem, mas se expressam, que *não fala*, mas se entendem.

Poesia não é de se explicar, é de sentir, sem que necessário que os gramáticos gramatiquem e os críticos critiquem, que ela existe, vive e domina, com ou sem eles, e até, melhor, às vezes, apesar deles.

Menos ainda carece que os outros nos queiram apontar o que sentiram, se o que sentimos, ou sentiremos, está em nós, ao contato dela, e não neles, e não sentiremos (graças a Deus!), como eles sentem (ou não sentem).

Ives descansa da labuta do direito e da economia (no mais amplo) poesiando. E faz bem, não só a ele, à Ruth, obviamente, e a nós, que colhemos o resultado da obra. Que o lemos, cá e lá, nas ciências e nas artes, sobre todas as grandes coisas, com a admiração de quem faz, sabe fazer, e nos permite apreciar e valorar o fruto de sua inspiração, na fluência do verso, que encarna a beleza do Amor:

“L’Amor che move il sole e l’altre stelle”.

Oscar Dias Corrêa
da Academia Brasileira de Letras

Meu Rosário

MISTÉRIOS GOZOSOS

ANUNCIAÇÃO

Maria a Deus contemplava
E o arcanjo Deus lhe mandou,
Fazendo dela uma escrava
Do Senhor que sempre amou.

Bastou um “sim” para o mundo
Seu perfil todo mudar,
Um “sim” que veio do fundo
De um coração exemplar.

E Cristo tornou-se humano,
No seio da Santa Virgem.
E, neste seu gesto insano,
Só de pensar dá vertigem.

Eu contemplo a Mãe de Deus,
Que é minha Mãe e dos meus.

Natal, 19/07/2001

VISITAÇÃO

Santa Isabel concebeu
Em bem avançada idade
E Maria o povo seu
Deixou por outra cidade.

Foi ajudar sua prima,
Que conheceu o mistério
E pôs a Virgem acima
De todos daquele império

E de todos os reinados
E de todas gerações
E, nos dois ventres amados,
Bateram dois corações,

De Batista, o precursor,
de Cristo, Deus de Amor.

Natal, 20/07/2001

NASCIMENTO

Em área bem diminuta,
Nasceu o Deus do Universo
E aquela pequena gruta
Tornou o mundo diverso.

José e a Virgem Maria
Viram nascer Deus Jesus
E os anjos, com euforia,
Cantaram cantos de luz.

Nenhuma das religiões,
Tem o Deus humanizado,
Vibram nossos corações,
De te-lo sempre do lado.

Nasceu Jesus de Maria,
Anunciando um novo dia.

Natal, 22/07/2001

APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

A mais pura das mulheres
Cumpru o rito judaico.
Feneceu a deusa Ceres,
Neste formoso mosaico.

A velha sacerdotisa
Reconheceu o bom Deus,
Já não tendo a pele lisa,
Como vê-se em camafeus.

E a quem prometera o Pai
Ver seu Deus antes da morte,
Sem ares de Samurai,
Na velhice fez-se forte.

Minha Mãe e São José,
Ajudai-me a ter mais fé.

São Paulo 23/07/2001

JESUS ENCONTRADO NO TEMPLO

Jesus ao Senhor servia,
Aos anos doze de idade,
Mas nem José, nem Maria
Perceberam esta verdade.

Por isto sofreram tanto,
Em três dias de procura,
E qual não foi seu espanto
Ao vê-lo, em plena leitura,

Explicando aos exegetas
Os trechos do Verbo antigo,
Mostrando de Deus as metas
E combatendo o inimigo.

Crescia aos pais na obediência
E na mais divina Ciência.

São Paulo 25/07/2001

MISTÉRIOS LUMINOSOS

O BATISMO DO SENHOR

Por ser humilde, o Senhor
De João Batista o batismo
Recebeu para compor
O futuro catecismo.

De Deus Pai a voz potente
Ouviu-se vinda do Céu
E foi lançada a semente
Desta união após Babel.

O batismo foi o marco
De uma nova pregação
Curvou-se o povo num arco
Para fazer oração.

O Senhor foi batizado
Tendo o mundo de seu lado.

Aroeira, 25/02/2003

AS BODAS DE CANÁ

Em Caná, no casamento,
Viu-se o milagre primeiro
E Cristo num só momento
Mudou tudo, por inteiro.

Puro vinho vindo d'água
Afastou o descompasso
E desfez-se o que era mágoa
Da imprevisão sem espaço.

Mas foi a Virgem Maria, A Virgem
Compadecida
Quem salvou aquele dia
Dando à festa nova vida.

Que todas bodas do mundo,
Vivam este amor profundo.

Aroeira, 26/02/2003

A PREPARAÇÃO DO REINO DE DEUS

Sua missão principal:
Pregar o Reino de Deus
E seu maior ideal:
Gerar apóstolos Seus.

Por três anos, por estradas
De Seu Pai falou somente
E nas longas caminhadas
Fez o mundo diferente.

Uma enorme multidão
Seguiu-O sempre de perto.
Tocava-lhe o coração,
Mostrando o caminho certo.

No Tempo, os mais soberanos
Foram aqueles três anos.

Aroeira, 27/02/2003

TRANSFIGURAÇÃO

Moisés, Elias, Jesus
Aos apóstolos no monte
Mostraram-se, em plena luz,
Tendo o mundo como fonte.

Os discípulos, pasmados,
Não souberam que dizer.
Ao verem transfigurados,
Os três num só bem querer.

Pedro pensou em três tendas
Mas tudo, em poucos instantes,
Passou. Dos olhos as vendas
Voltaram a ser como dantes.

Que esta transfiguração
Para nós não seja em vão.

EUCARISTIA

O dom em Última Ceia.
O Senhor se deu inteiro.
Formou-se uma eterna teia,
Tornando o mundo um celeiro

De amor e de salvação,
Com a presença divina
Penetrando o coração
Dos que seguem sua sina.

O mistério da humildade
Que anima o povo descrente,
Descobrir jamais quem há-de,
Num Cristo sempre presente.

Que na minha Eucaristia Sempre
O tenha com Maria.

Aroeira, 28/02/2003

MISTÉRIOS DOLOROSOS

AGONIA DO SENHOR

Para ter-se a mente sã,
Mesmo quem vive da fé,
O sofrimento amanhã
Nunca se sabe qual é.

Cristo, não. Cristo sabia
— Não havendo outra esperança —
Tudo o que Ele sofreria,
Desde a sua prima infância.

Por isto, naquela noite,
Rezou de joelhos, exangue,
Vislumbrando o duro açoite
E até transpirando sangue.

Curvou-se, porém, à sorte,
Bebendo a taça da morte.

São Paulo, 26/7/2001

FLAGELAÇÃO

Nenhuma carne é tão pura,
Nenhuma tão mal tratada,
Sua antiga formosura
Fica, de vez, afastada.

O Deus de todos os entes
E dos corpos siderais —
Ouvindo o ranger dos dentes
Dos algozes — se desfaz.

O flagelo traz a dor
E a dor sofrimento atroz,
Mas resta a Deus, meu Senhor,
Pensar três dias após.

A chibatada em Jesus
Foi o prenúncio da cruz.

São Paulo, 26/7/2001

COROAÇÃO DE ESPINHOS

Uma coroa ao Senhor
De espinhos, em plena testa,
Foi posta. Sentiu a dor.
A força pouco lhe resta.

Tornou-se rei sem reinado,
Mas seu reinado é que vence.
Ninguém ficou de seu lado,
Somente a turba castrense.

A soldadesca sem rosto,
Sem alma, sem coração,
Gargalhava de mau gosto,
A honra tendo no chão.

Foram, porém, os espinhos
A luz de nossos caminhos.

São Paulo, 26/7/2001

MARCHA PARA O CALVÁRIO

A caminho do calvário,
Cristo viveu toda a dor,
Nona estação do rosário,
Mistério pleno de amor.

A multidão, que o acusara,
Segue do lado, espantada.
Num lenço, quem o ajudara,
Vê sua face estampada.

Três vezes derruba a cruz,
Mas continua o caminho,
As trevas vencem a luz
E Cristo sofre sozinho.

Nem mesmo o forte Simão
Aquece-lhe o coração.

Jaguariúna, 28/7/2001

CRUCIFICAÇÃO

Morreu o Deus do Universo
E o mundo se fez escuro,
Restou na tristeza imerso,
Sem perceber o futuro.

Um malfeitor fez-se santo,
Um outro perdeu a chance,
Rompeu o véu, sem encanto,
Do antigo templo, num lance.

O jovem João e Maria
Receberam a missão
Que o tempo continuaria
A desvendar em lição.

Morreu o Deus da Verdade,
Dando vida à humanidade.

Jaguariúna, 28/7/2001

MISTÉRIOS GLORIOSOS

RESSURREIÇÃO

Voltou da terra dos mortos
Naquele dia terceiro,
Tornando retos os tortos
Caminhos do mundo inteiro.

Na alvorada, só Maria,
Chamada de Madalena,
O Mestre descobriria,
Na mais emotiva cena.
Ressuscitou, o Senhor!

Mais que a morte vale a vida
E o dia uma nova cor
Ganhou, na imagem querida.

A grande Páscoa Cristã
Começou pela manhã.

São Paulo, 29/7/2001

ASCENSÃO

Depois de quarenta dias,
Junto às mulheres com véus
E aos homens por pedrarias,
Subiu, o Senhor, aos céus.

Do monte de rocha dura
Partiram seus seguidores
Para tornar mais madura
A mensagem dos amores.

E Deus, que se fez ausente,
Na Eucaristia a presença
Manteve, mas diferente,
Na forma que gera a crença.

A lembrança da Ascensão
Alegra meu coração.

São Paulo, 29/7/2001

VINDA DO ESPÍRITO SANTO

Desceu o Espírito Santo
Sobre todos os fiéis
E as línguas, por todo o canto,
Desataram seus cordéis:

Um tom de gozo profundo
Trouxe o fogo e a conversão,
Enchendo de todo o mundo,
Na alegria, o coração.

Depois do Pai e do Filho
O Santo se descobriu
E a estrada, que agora trilho,
Trilharam gerações mil.

Pentecostes faz seu passo,
Vencendo o tempo no espaço.

São Paulo, 29/7/2001

ASSUNÇÃO

Não morreu Nossa Senhora,
A minha Mãe não morreu,
Apenas levada embora
Foi do mundo, em que viveu.

A Virgem da Dormição
Acordou junto dos anjos
E seu grande coração
Viu dos céus os seus arranjos.

Viu seu Filho e viu a Deus
E viu o Espírito Santo
E lembrou-se que eram seus
Os filhos, sob seu manto.

Conheceu toda a verdade,
Mas pensou na humanidade.

São Paulo, 29/7/2001

COROACÃO

A coroa que é a mais linda,
Recebeu, na eterna vida,
A Virgem de graça infinda,
A Virgem compadecida.

Da Santíssima Trindade
Viu o louvor comovente,
Louvor que igual jamais há-de
Haver no céu permanente.

Somos todos filhos seus.
Seu manto a todos encerra.
Com razão o próprio Deus,
Por seu ventre, veio à terra.

És Senhora do Universo,
A quem sirvo com meu verso.

São Paulo, 29/7/2001

Via-Sacra

Pax et Spes

I - JESUS É CONDENADO À MORTE

Deus Senhor e Senhor meu, no Universo,
Teu julgamento fere, há dois mil anos,
Um Judiciário cego e então imerso
Na discórdia, por ódios- desumanos.

Pilatos, mais político que justo,
Soltou um criminoso e O condenou,
Embora procurasse a todo custo,
Afastá-lo da corja que O acusou.

Jesus, pleno de amor, restou silente
E a turba ensandecida de seu sangue
Um cálice de raiva diferente
Bebeu, malgrado vendo Cristo exangue.

Soltaram Barrabás e a Sua sorte
Desventrou-se na pena, que é de morte.

II -JESUS CARREGA A CRUZ

A cruz da iniquidade Ele carrega,
Sem ódios, sem rancores, porém triste.
A canalha que faz justiça cega
Mantém as vestes próprias de um antiste.

Para o Calvário marcha, passo a passo,
Ouvindo muito choro e muito grito,
O mundo inteiro fica em descompasso,
Que sobe pelas raias do infinito.

Já coroado foi com tanto espinho,
Já maltratado foi pela centúria,
O peso do madeiro, no caminho,
A pena que sofreu faz mais espúria.

A dor que Ele suporta em sua cruz
Um dia para o mundo será luz.

III - JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ

O peso é muito grande para Cristo
E não resiste muito. Cai por terra.
Eu creio que no mundo jamais visto
Foi este quadro que a memória encerra.

A soldadesca agride com chibata
A pura carne de meu Deus Senhor,
Mas a verdade, que tudo desata,
Mostra bondade, no pesar da dor.

O povo segue agora sem seu Mestre
E todos se arrependem do passado.
O caminho se torna mais agreste
E há choro que se escuta em todo lado.

Caiu Jesus pela primeira vez
E seu amor mais fort' inda se fez.

IV - JESUS ENCONTRA MARIA, SUA MÃE SANTÍSSIMA

A Sua Mãe, a Mãe de todos nós,
Jesus rumo ao calvário encontra, Santa,
A Mater Dolorosa vai após
O cortejo que a todos nós espanta.

Que disse o Senhor Deus assim sangrento
A Sua Mãe Santíssima e amorosa?
Os olhos se cruzaram num momento,
Mas ninguém sabe o dito à Dolorosa.

A profecia da apresentação
Ao templo se tornou rude verdade,
Enquanto segue a pobre multidão
A rota que jamais viver quem há-de.

Àquela que restou, no tempo, calma
A espada trespassou o fundo d'alma.

V- SIMÃO AJUDA JESUS A CARREGARA CRUZ

A vinda do trabalho foi chamado,
Por forte ser, Simão a cruz de Cristo
E não pode negar-se de seu lado,
Nem fazer do protesto seu registro.

O certo é que Simão ao carregar
A cruz de Deus ganhou e a vida eterna.
De Cristo recebeu o santo olhar
E da Senhora gratidão materna.

À história de Simão segue a dos filhos,
Que se tornam cristãos em poucos anos.
De apóstolos caminham pelos trilhos,
Apesar de trabalhos muito insanos.

A cruz de Cristo carregou Simão
E descobriu do Mestre o coração.

VI - UMA PIEDOSA MULHER ENXUGA O ROSTO DE JESUS

O gesto de Verônica na história
Permanece p'ra sempre bem gravado.
Um simples gesto gera esta memória,
Que faz presente tudo o que é passado.

Desfigurado em sangue resta o rosto
Do Senhor que por nós a sua vida
Ofereceu na dor e no desgosto,
Que não pode evitar à Mãe Querida.

O cálice bem quis que se afastasse,
Mas cumpriu seu destino até o fim
E no lenço piedoso a sua face
Deixou, Santo, p'ro mundo e para mim.

Que eu nunca esqueça a face de Jesus
Quando carrego eu próprio a minha cruz.

VII - JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ

Pela segunda vez o meu Senhor
Não resiste da cruz o peso imenso.
As chibatadas de novo causam dor
E o cinzento do céu faz-se mais denso.

Cada queda oferece pelo povo
Aquele povo seu e o do futuro.
Sua cruz descortina um mundo novo,
Que abrandará o espírito mais duro.

Que a lição de meu Deus tão humilhado,
Atirado no chão pelos algozes
Limpe meu coração ensobrado
Enchendo-o de humildade, em suas vozes.

Que a sua queda pela vez segunda
A minha entrega torne mais fecunda.

VIII - JESUS CONSOLA AS FILHAS DE JERUSALÉM

Jesus as filhas de Jerusalém
Consola, mas prediz seu sofrimento.
Que ficará, no tempo, muito além
Do que pensam sentir neste momento.

O lenho verde a turba desconhece
E fere a própria carne de Deus homem
E quando eu me debruço nesta prece
Todos os meus pecados se consomem.

Nós somos, na verdade o seco lenho
De que falou na rota do calvário,
Somente aquele amor que por Ti tenho
Me salva como à Virgem do Rosário.

Ó mulheres de todas as idades
Abandonai o mundo das vaidades.

IX - JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ

Pela terceira vez o meu Jesus
Não resistiu à rude caminhada
E desmaiou, tombando sob a cruz,
Desfeita a carne de tão mal tratada.

Não deixa, todavia, o mal que abraça,
Pois sabe que do Pai est' é a vontade,
Que beba por inteiro a amarga taça
Que igual beber alguém nunca mais há de.

O tempo bem parece ter parado
O sofrimento atroz não se descreve,
Na estrada a multidão de cada lado
Não torna nem um pouco a cruz mais leve.

Vislumbro quanto sofre o Senhor Deus
Pelo mundo, por mim e pelos meus.

X - JESUS É DESPOJADO DE SUAS VESTES

Tiram da carne pura de Jesus
As suas vestes e seu caro manto.
Esperam-no, desnudo, o prego e a cruz,
Que dilacerarão o corpo santo.

Rasgam-se em partes quatro as suas vestes
O manto ganha, o ganhador dos dados,
A tristeza, à distância, dos ciprestes
Não comove a dureza dos soldados.

Ao Senhor nada resta junto à cruz,
Nem restou sofrimento a ser sofrido,
Só restou, solitário, meu Jesus,
Ó Meu Jesus de todos tão querido.

Nos lances dos soldados às braçadas
As escrituras foram confirmadas.

XI - JESUS É PREGADO NA CRUZ

Os cravos dilaceram pés e mãos,
Desfazem-se ao martelo os santos ossos,
Os seus membros deixaram de ser sãos,
Desconformados pelos erros nossos.

A dor que a Virgem sente é sem fronteira,
A dor que o Próprio Deus sofre por nós,
Mas foi por Ela que a mais doce esteira
Seguimos ao comando dessa voz.

Dois criminosos são também pregados
Às cruzes que levaram ao calvário
Pelos seus atos pagam, malfadados,
O destino que é próprio de sicário.

A Cristo, que se faz Supremo Antiste,
A cruz no mundo santo deixa triste.

XII - JESUS MORRE NA CRUZ

Um dos ladrões a Cristo seu perdão,
Humilde, suplicou e a recompensa
Teve de pronto e teve o coração
Repleto da alegria mais intensa.

A João a Sua Mãe ofereceu
E Sua Mãe o teve como filho
A humanidade inteira viu o céu,
Redescoberto ao tom de novo trilho.

Ao Pai lançou seu último suspiro,
Perguntando porque O abandonara
E da vida partiu a seu retiro,
Deixando nesta terra a Mãe tão cara.

Na cruz, perdeu a vida meu Senhor,
O mundo redimindo pela dor.

XIII - JESUS É DESPREGADO DA CRUZ E ENTREGUE A SUA MÃE

Jesus de sua cruz é despregado
E a Sua Mãe, sem vida, oferecido,
A lança atravessou-lhe o esquerdo lado
E o corpo despencou já sem sentido.

Os pregos retirados do seu pé
E d'outro que sobr'ele se pusera .
São postos junto ao Senador José,
Por Quem sua amizade era sincera.

As mulheres, o Deus delas amado,
Carregam recoberto, em seu lençol
E levam-no ao Sepulcro preparado,
Já finda no horizonte a luz do sol.

Desceu o corpo frio de Jesus,
Após pregado ter sido na cruz.

XIV - O CORPO DE JESUS É SEPULTADO

O corpo de Jesus é sepultado
Coberto por perfumes e por águas,
A Mater Dolorosa sente o fado,
O coração desfeito em tristes mágoas.

José tinha o sepulcro para os seus,
Mas quis que lá ficasse o Bom Senhor,
Aquele que nasceu humano Deus,
Pelo mundo morrendo em plena dor.

Nicodemos pranteia a triste morte
Do Mestre que salvou a humanidade,
O mundo de tão fraco faz-se forte
Ao descobrir o encanto da verdade.

Foi sepultado ao choro das Marias,
Mas felizmente apenas por três dias.